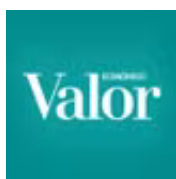


FDC Médias Empresas

Gestão de Pessoas
acima da média.

Saiba Mais



Valor Educação | Reforma Tributária na Prática

A reforma tributária já impacta as e
preparar

Ver detalhes →

Bolsa Família reduz gasto com educação, aponta estudo

Pesquisa com dados de 2007 a 2020 mostra impacto positivo para beneficiados

Por **Lucianne Carneiro** e **Alessandra Saraiva** — Do Rio

24/04/2026 05h00 · Atualizado há 16 horas



Presentear matéria



Felipe Lobel, professor de economia pela Universidade de Duke e pesquisador na Universidade de Stanford — Foto: Divulgação/Arquivo pessoal

As diferentes visões sobre os programas de transferência de renda, especialmente o Bolsa Família, não são novas, mas se acirraram após a pandemia e o aumento de valores e ampliação do público-alvo nas eleições de 2022. O debate está presente no mundo real e também no ambiente acadêmico.

Uma série de estudos busca identificar os efeitos de programas de transferência de renda na vida da população, com destaque para o impacto no mercado de trabalho. Também em pesquisas científicas e universidades há posições distintas.

Leia também:



A nova pesquisa Atlas/Intel para presidente que deve sair na próxima semana



Conselheiro de Trump que ofendeu brasileiras foi casado com uma por 20 anos; saiba quem é

Um novo trabalho trata especificamente das consequências para a população na extrema pobreza, quando há aumento no valor mensal. Os autores descrevem o estudo como “quase experimental”, ao buscar “isolar” os efeitos da transferência de renda. **O estudo mostra que quem recebeu aumento do Bolsa Família teve 4,8% mais chances de conseguir trabalho, rendimento 5% maior, 8% menos possibilidades de hospitalização e custo 14% menor com saúde. Além disso, foi registrada probabilidade de gasto 51,1% maior com medicamentos, como reflexo da alta da renda.**

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Neste último caso, o cálculo se refere ao dispêndio do Estado com essas internações, pelo custo de serviço na base do Sistema Único de Saúde (SUS). O impacto em saúde é pouco estudado no caso das transferências de renda. O estudo foi publicado na NBER, uma das revistas científicas de economia mais respeitadas no mundo.

Os autores são Michael Best, professor de economia na Universidade Columbia, Felipe Lobel, professor de economia na Universidade Duke e pesquisador na Universidade de Stanford, e Valdemar Pinho Neto, professor da Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV EPGE).

Nesta sexta-feira (24), o estudo será apresentado em Brasília, a convite do Ministério de Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.

Para chegar ao resultado, o ponto de partida foi 2012, quando valor do Bolsa Família para as famílias extremamente pobres subiu. Foram acompanhados dois grupos de perfis semelhantes, com renda próxima da linha da pobreza: um que foi beneficiado pelo aumento (por estar abaixo da linha de extrema pobreza) e outro que não (por estar acima da linha de corte).

O período analisado foi de 13 anos, entre 2008 e 2020, um contexto diferente do observado hoje. Os dados são de Cadastro Único (CadÚnico), RAIS e Datasus. Foram incluídos anos anteriores a 2012 para que os dois grupos tivessem as mesmas características.

Felipe Lobel explica que o grupo com renda pouco acima da linha da extrema pobreza, sem alta no benefício, funciona como uma espécie de “grupo de controle”, uma indicação do que poderia ter ocorrido.

“Esse aumento do Bolsa Família garante o mínimo de subsistência necessária para se conseguir trabalhar. Os resultados são condizentes com o observado em estudos sobre transferência de renda em países pobres, quando geralmente há aumento da participação no mercado de trabalho.”

O professor da Universidade Duke classifica como "surpreendentes" os resultados dos indicadores de saúde:

"A maior parte dos estudos sobre o Bolsa Família olha o efeito no mercado de trabalho, mas o diferencial desse trabalho é olhar para a saúde. Os dados mostram redução de probabilidade de mortalidade, de tempo de hospitalização, de custo de hospitalização... Isso significa menos gasto do Estado. Quando coloca a conta na balança, o benefício da política aumenta."

Na análise de políticas públicas, defende Valdemar Pinho Neto, é preciso entender os grupos atingidos, as mudanças e o mecanismo em jogo. O trabalho avalia expansão do Bolsa Família focalizada nos extremamente vulneráveis:

“No estudo, falamos que, dadas as pessoas que estão no Bolsa Família, que tal priorizar os recursos nas pessoas que são mais pobres desse grupo? Não se trata de aumentar a quantidade de pessoas, mas sim de dar mais dinheiro para os que são mais pobres”.

Como referência, os dados mais recentes, de 2024, apontam que a extrema pobreza contempla os domicílios com rendimento domiciliar per capita inferior a US\$ 2,15 PPC por dia, ou R\$ 218 por mês.

Especialistas ouvidos pelo **Valor** ponderam que o estudo, embora bem conduzido do ponto de vista técnico, traz um “olhar pelo retrovisor”. Isso porque os parâmetros do Bolsa Família são diferentes hoje: “O estudo é

tecnicamente perfeito, na metodologia, nas conclusões, Mas o Bolsa Família é um programa social muito diferente daquele de 2011 a 2013”, diz Daniel Duque, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre).

O valor do Bolsa Família corresponde a cerca de três vezes o que era observado até a pandemia, aponta Duque. Esse valor de transferência elevado, ante o salário do trabalho formal, pode levar à reconsideração sobre o trabalho formal. Isso, na prática, funcionaria como “freio” ao avanço da força de trabalho, como ocorre atualmente, na análise do economista. “Até 2019, o Bolsa Família era muito barato, eficiente e com impactos positivos bem documentados”, afirmou. “Gastávamos em torno de 0,4%, 0,5% do PIB com o Bolsa Família. Hoje gastamos 1,5% do PIB”.

O economista do FGV Ibre é favorável a que se volte ao desenho anterior do programa, com redução de benefício básico, atualmente em torno de R\$ 600 por mês, e redistribuição focada em segmentos específicos, como

gestantes, primeira infância e extrema pobreza.

Posição semelhante tem Fernando Veloso, diretor de Pesquisa do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS). Ao comentar o estudo publicado na NBER, Veloso detalhou que o levantamento foca no “Benefício de Superação da Pobreza” (BSP).

Criado em 2012, o BSP complementava renda de beneficiários para atingir o limite mínimo de renda mensal per capita, que era, na ocasião, de R\$ 70 por pessoa em cada família. Significa que era parâmetro, no programa, pagar o benefício para se atingir o limite mínimo de renda familiar per capita. Isso é diferente do valor fixo por família, como é hoje, lembrou.

No entendimento de Veloso, o BSP permitia que o programa, na época, fosse mais focado na melhoria de vida dos “extremamente pobres”. “O estudo [da NBER] é interessante pois mostra que a criação desse benefício aumentou renda, com efeitos positivos”, diz.

Mas o BSP não existe mais, recorda. Para Veloso, o modelo atual, de valor por família adotado após a pandemia, gerou distorções, como a multiplicação de famílias unipessoais. Ele defende o retorno ao modelo antigo, mais eficiente para melhorar a vida dos extremamente pobres: “Qualquer programa de combate à pobreza deve ter como foco renda per capita e não renda por família”, diz. Assim como Duque, observa que resultado não pode ser extrapolado diretamente para o Bolsa Família atual pelas diferenças de desenho e público-alvo.

Em nota, o ministério do Desenvolvimento Social disse que o estudo aponta que, em contextos de maior vulnerabilidade, a renda adicional contribui para superar barreiras básicas que dificultam a inserção no mercado de trabalho, favorecendo a inclusão produtiva. “Ao mesmo tempo, a melhora nas condições de saúde e na participação no trabalho está associada à redução de custos com hospitalizações e ao aumento da atividade econômica”, disse o MDS..

[< Mais recente](#)

[Próxima >](#)

Conheça o Valor One

Acompanhe os mercados com nossas ferramentas [ACESSAR GRATUITAMENTE >](#)

Mais do Valor **Econômico**

Valor^{ECONÔMICO}

SIGA       

Valor	O Globo
Edição impressa	Extra
Valor PRO	CBN
Valor RI	Autoesporte
Valor International	BHFM
Revistas e Anuários	Casa e Jardim
Seminários	Casa Vogue
Valor 360	
Pipeline	
Valor Investe	
Valor One	
Valor Pro	

Crescer	Monet
Época Negócios	Quem
Galileu	PEGN
Glamour	Rádio Globo
Globo Rural	TechTudo
GQ	Um Só Planeta
Marie Claire	Vida de Bicho

[QUEM SOMOS](#)

[FALE CONOSCO](#)

[TERMOS E CONDIÇÕES](#)

[TRABALHE CONOSCO](#)

[POLÍTICA DE PRIVACIDADE](#)

[PRINCÍPIOS EDITORIAIS](#)

[ANUNCIE](#)

[MINHA EDITORA](#)

© 1996 - 2026. Todos direitos reservados a Editora Globo S/A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.